

Ôrí na perspectiva de gnose liminar: formas de existência fora do jugo colonial

RODRIGO FERREIRA DOS REIS*

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar possíveis interlocuções entre o conceito de Ôrí produzido pela historiadora Beatriz Nascimento e o conceito de gnose liminar idealizado pelo Walter Dignolo. Para esta análise, escolhemos como fontes o documentário “Ôrí” produzido por Raquel Gerber e narrado por Beatriz Nascimento e a produção bibliográfica de Walter Dignolo. Ôrí, para autora, significaria uma inserção em um novo estágio da vida, um novo encontro para os negros em diáspora, uma posição subjetiva entre um passado em África e um futuro que se projeta aqui, fora da lógica colonial. Já a ideia de gnose, tal como usada por Dignolo, é o espaço aberto para os saberes marginalizados pelo ocidente. Como pensamento fronteiro é exatamente um saber que atua lá e aqui, ao mesmo tempo e em trânsito. Assim, a intenção é pensar através desses dois conceitos articulações para novas formas de existências negras fora do jugo colonial.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento; Ôrí; Documentário; Jugo colonial.

Ôrí in the perspective of liminary gnosis: forms of existence outside the colonial subjection

Abstract: The purpose of this article is to present possible interlocution between the concept of Ôrí produced by the historian Beatriz Nascimento and the concept of liminal gnosis idealized by Walter Dignolo. For this analysis we chose as sources the documentary produced by Raquel Gerber narrated by Beatriz Nascimento “Ôrí” and the bibliographic production by Walter Dignolo. Ôrí for the author would mean an insertion into a new stage of life, a new encounter for blacks in diaspora, a subjective position between a past in Africa and a future that is projected here, outside the colonial logic. The idea of gnosis, as used by Dignolo, is this open space for knowledge marginalized by the West. As frontier thinking it is exactly a knowledge that works there and here at the same time in transit. Thus, the intention is to think through these two concepts articulations for new forms of black existences outside the colonial yoke.

Key words: Beatriz Nascimento; Ôrí; Documentary; Colonial subjection.



* **RODRIGO FERREIRA DOS REIS** é Mestre e graduado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina; é pesquisador associado do Laboratório AYA Estudo Decoloniais e Pós-coloniais.

1. Introdução

O objetivo geral deste artigo é fazer uma interlocução do pensamento de Beatriz Nascimento com o conceito de gnose liminar idealizado por Walter Mignolo. Para tanto, nossas fontes serão os textos escritos da autora e publicados em diferentes jornais e magazines, as dissertações e teses já produzidas sobre seu trabalho, bem como artigos, livros, teses e dissertações de autores pós-coloniais e decoloniais.

A interlocução ora proposta pode ser entendida partindo da análise dos conceitos desenvolvidos pela historiadora Beatriz Nascimento durante sua vida intelectual. Sua produção teórico-metodológica nos permite adentrar uma perspectiva que parte de um pensamento fronteiriço¹ – não só suas narrativas apontam para esse caminho, mas sua própria vivência denuncia como a experiência de povos subalternizados é hierarquizada juntamente com seus corpos, subsumindo-se as possibilidades de humanidade desses sujeitos. Portanto não apenas as ideias, conceitos e reflexões de Beatriz se tornam fontes desta reflexão, mas a sua própria trajetória de vida – que se mistura àquelas de seus sujeitos de pesquisa. Ademais, ela mesma se torna um amálgama da memória que se apresenta hoje em sujeitos individuais que, por sua vez, pertencem a uma mesma coletividade. Ou seja, pesquisar Beatriz

é entender um modo de vida contínuo que ela própria pesquisa e, assim, as memórias que ligam sujeito e o objeto de pesquisa seguem como experiência que se torna herança histórica.

[...] memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desteros, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos, povos africanos pluralizam nosso alcance de acervos históricos, monumentos e patrimônios audiovisuais, situando a necessária arqueologia de saberes orais, a ser enunciada e valorizada. (ANTONACCI, 2013, p. 17)

Ao analisarmos e nos sensibilizarmos com as memórias de Beatriz, conseguimos não apenas narrar e explicar sua vida e sua produção teórico-metodológica, mas também entramos no campo de compreensão da própria formação social brasileira e de como o racismo atua na vida dos sujeitos, afetando sua subjetividade. Dessa forma, ao dialogarmos com Beatriz Nascimento em sua longa jornada vital, passamos também a incidir na estrutura social – moldada, por sua vez, pelo o racismo, pelo machismo e pela estratificação de classe, categorias que se entrelaçam na própria colonialidade do poder².

¹ “O pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita”. (MIGNOLO, 2003, p. 52).

² “Colonialidade do poder é um conceito que dá conta de um dos elementos fundantes do atual padrão de poder, a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de “raça”. Essa ideia e a classificação social e baseada nela (ou “racista”) foram originadas há 500 anos junto com América, Europa e o capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do planeta no

As narrativas de Beatriz caminhavam para a produção de uma linguagem que possibilitasse aos sujeitos subalternizados falar de si e para si, de forma a decodificar corpos, gestos, palavras e imagens e criar um novo ser humano, um ser humano emancipado. Para compor essa narrativa, que eu chamo de emancipatória, Beatriz procurou dar sentido ao deslocamento de corpos de sujeitos subalternizados e também à alma, ao “*soul*”, “introduzindo uma poética da terra” (NASCIMENTO apud ÔRÍ, 1989).

Esses trechos que citamos são fragmentos de oralidade que fazem parte do documentário “Ôrí”³, excertos que, junto a outras passagens da película, formam um grande mosaico temporal que pode ser representativo do pensamento de Beatriz. Um pensamento à procura de um passado ainda não vivido, um passado a ser contado historicamente e também a ser lembrado sensivelmente. Salientamos, neste momento, que o documentário “Ôrí” será um dos elementos de interlocução com Beatriz Nascimento, em que pesem, além de sua linguagem estética, as

curso da expansão do colonialismo europeu”. (QUIJANO, 2002, p. 1)

³ “Uma das obras fundamentais de Beatriz Nascimento foi o Filme “Ôrí”, trabalho que documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, além da própria história de vida e acadêmica da autora e que possui quilombo como ideia central para a compreensão do passado dos negros e projeto de futuro para uma resistência e permanência de culturas negras. O título do filme “Ôrí” tem sua origem na língua Yorubá, que significa “cabeça” ou “centro” e que é um ponto chave de ligação do ser humano com o mundo transcendental. Contudo, a autora propõe “Ôrí” como uma forma de produção identitária para os negros em diáspora uma relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra. Esta construção será capaz para a autora de retornar ao negro a dignidade e a humanidade roubadas e dilaceradas

marcas da oralidade que perpassam a presença de Beatriz Nascimento na obra.

Na cidade do Rio de Janeiro se encontra o Arquivo Nacional, instituição de memória ligada ao Ministério da Justiça que preserva as produções de Beatriz Nascimento no fundo “Maria Beatriz Nascimento”⁴. As narrativas produzidas através da experiência diaspórica negra possuem sua materialidade em um conjunto documental e se encontram sob a forma de arquivos que contêm uma memória sensível. Assim, entendemos que a chave de leitura dada no componente de dupla atribuição narrar/explicar e lembrar/sentir encontra consonância localizada entre a vida de Beatriz Nascimento e a História do povo negro brasileiro, ambas inscritas na subalternização de corpos e saberes.

Essa dupla atribuição a que nos referimos penetra toda obra de Beatriz Nascimento, especialmente porque esse movimento possibilita abrir um diálogo entre o pensamento da historiadora e o pensamento decolonial, mais especificamente o que Mignolo designa como “gnose liminar”, que “[...] é a razão subalterna lutando para colocar em

no processo de colonização, escravização e, posteriormente, de subalternização advinda do racismo.” (REIS, 2020, p. 15).

⁴ Especificação da história arquivística: “O acervo foi doado em 02/06/1999, por Betânia Nascimento Freitas, filha da titular. A doação foi formalizada em março de 2000. Atualmente a documentação está distribuída em 27 caixas, cada caixa com uma média de 4 pastas. Durante o processamento alguns documentos não foram encontrados, tal informação está registrada ao final da descrição de cada caixa. Constam ao final a tabela de equivalência e a relação dos livros transferidos para a Biblioteca e as respectivas caixas às quais pertenciam. Especificação do conteúdo: correspondência, roteiro de filme, projetos e relatórios de pesquisa, publicações, estudos, fotografias sobre quilombos e a presença do negro na sociedade brasileira, discos e fitas em VHS”. (ARQUIVO NACIONAL, 2018, p. 6).

primeiro plano a força e a criatividade de saberes, subalternizados durante um longo processo de colonização do planeta que foi, simultaneamente, o processo através do qual se construíram a modernidade a razão moderna” (MIGNOLO, 2003, p. 36).

A ideia de gnose liminar tal qual se utiliza Mignolo (2003) – e também Mudimbe (1998) – possibilita não apenas a construção de conhecimento, mas também o reconhecimento dos sujeitos como agentes produtores de saber. Nesse sentido, na dupla atribuição que a narrativas produzidas por Beatriz trazem consigo de narrar/explicar e lembrar/sentir, ambos os eixos se mesclam e se apresentam de uma forma difusa com um conteúdo que suporta dois continentes de memória: África e América. Ainda que os corpos sejam finitos, as ideias não o são, e as ideias de Beatriz Nascimento que carregam a força vital⁵ obtiveram certa mobilidade que só foi possível porque as interpretações da cotidianidade e da própria história brasileira feitas ainda em vida pela autora geraram narrativas que dialogaram com diversas esferas que compõem o quadro social da nação.

⁵ “Uma nota de advertência está na ordem. Quando falo aqui sobre “reprodução da vida” não estou aderindo ao vitalismo de Henry Bérgson e a sua re-inscrição nos debates contemporâneos. O vitalismo ou a filosofia de vida de Deleuze, por exemplo, tem suas raízes na obra de Henri Bergson (1911) e sua concepção de ‘élan vital’ (força vital) e é moldada na filosofia da evolução e do desenvolvimento do organismo. “Força vital” foi um conceito, um conceito importante na obra de Adolf Hitler, *Mein Kampf*. Se fôssemos apenas pensar nos limites da razão moderna e imperial, então toda referência à reprodução da vida seria interpretada na trajetória de Bergson a Hitler. Felizmente, a opção descolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de *damnés*, na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja

Assim, as concepções de Beatriz Nascimento ainda nos cercam, trazendo respostas e questionamentos sobre identidade da população brasileira, identidade que está ligada a vários caminhos localizados no reino das representações, um lugar que não é o ponto de partida, mas que possui uma ponte constituída com resíduos/rastros de linguagem⁶ (GLISSANT, 2005) que ligam as ruínas da memória a um tempo preenchido de agora (BENJAMIN, 2012, p. 18) que nos permita caminhar para além do estranhamento provocado pela mistificação racial.

Ao focarmos nas narrativas de Beatriz Nascimento, nos enveredamos por caminhos onde os possíveis efeitos de escutá-la no documentário “Ôri” nos remetem à noção de uma palavra indissociável do corpo, da pessoa, o que nos leva ao paradoxo entre corpo abstrato e ideias concretas. Explicamos melhor: a noção de corpo abstrato deve-se à forma como Beatriz Nascimento se tornou imagem na memória de quem a procura como figura singular de um presente do passado; e a percepção de uma ideia concreta diz respeito ao fato de suas ideias serem

dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção descolonial que alimenta o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir.” (MIGNOLO, 2008, p. 296).

⁶ “Na verdade, rastro/resíduo não contribuiu para completar a totalidade, mas permitiu-nos conceber o indizível dessa totalidade [...] Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da Imensidão das Águas o rastro/resíduo de seus deuses, deuses costumes, de suas linguagens.” (GLISSANT, 2005, p. 8)

fonte objetiva de pesquisa, pois elas se objetivam na vida de quem a ouve. Assim, a narrativa se torna ponto de inflexão não mais do sujeito pesquisado, mas, sim, do pesquisador.

O documentário “Ôrí” também fala sobre o conceito que se configura nas generalizações e significações de território, corpo e intelecto em um momento específico do reconhecimento do ser e de um modo de vida que foi construído historicamente pelos negros no Brasil, tornando-se o próprio conceito Ôrí um elemento de impacto nas trajetórias acadêmicas – o que leva o pesquisador a uma autorreflexão que o instiga à percepção de sua identidade. O conceito, assim, se torna um ponto de inflexão do pesquisador e não do sujeito pesquisado, o que fica patente no trecho a seguir, extraído de Ratts:

Beatriz Nascimento é uma das âncoras de meu barco à deriva no Atlântico Negro e livro é fruto dessa experiência de um indivíduo em movimento por raízes e rotas correlatas. Parte desse meu deslocamento, espacial e identitário, se deu ainda em Fortaleza, quando assisti a Ôrí, filme do qual ela é um dos fios condutores, em 1989, quando me decidia pelo ativismo no movimento negro e pela pós-graduação em geografia. (RATTS, 2006, p.17).

Wagner Vinhas Batista também comenta como o documentário o tocou na esfera do sensível e o fez se movimentar em direção à autora:

O primeiro contato com a trajetória de Beatriz Nascimento ocorreu ainda no mestrado quando o

professor Mahomed Bamba (FACOM/UFBA) – in memoriam - recomendou o filme-documentário “Ôrí”. Isso aconteceu durante a banca de qualificação da dissertação de mestrado, posteriormente defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o título “Narrativas em negociação: o caso da invenção das tradições em Salvador”, em 2010. Oportunamente, o longa-metragem estava sendo projetado, com a presença de Raquel Gerber, no Cine Glauber Rocha, em Salvador. Em seguida, empreendi uma pesquisa que me levou ao trabalho do professor Alex Ratts, “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”. A publicação serviu de base para a formulação do projeto de pesquisa, inicialmente denominado de “Lugar de negro: um estudo sobre a contribuição intelectual de Maria Beatriz Nascimento”. (BATISTA, 2016, p. 19)

Entendemos que essa forte conexão que os excertos acima demonstram só é perceptível se, na leitura de “Ôrí”, empreendermos a ideia de oralidade e de transição de conhecimento como elemento da *tradição viva*⁷ (HAMPATÊ BÂ, 2010). Ôrí, é necessário apontar, é um elemento da tradição de matriz africana e dentro das religiões praticadas no Brasil se estabelecem elementos das tradições orais praticadas em África.

⁷“A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição

oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para exóticos, a tradição oral, consegue e colocar ao alcance dos homens, falar-lhes o tradicional oral consegue.” (HAMPATÊ BÂ, 1982, p. 183)

Quando Beatriz Nascimento enuncia “Ôrî”⁸, linguagem de ancestralidade, ela está evocando essa força e as reflexões que ambos os autores que citamos se colocaram a produzir após a película indicam a força imanente da oralidade, a ligação das ideias ancestrais com os descendentes a se reconhecerem e, ao mesmo tempo, a reconciliação dentro de uma mesma esfera de conhecimento – ainda que tal esfera se estenda entre o físico e o imaterial, entre a memória e a História, no tempo e no espaço. É importante frisar que oralidade não é aqui uma concorrente da escrita, mas, sim, que escrita, cinema, música, dança, um quadro, uma máscara, um instrumento musical, todos esses são suportes possíveis para a oralidade.

Assim como o filme possui o título de “Ôrî”, uma ligação ancestral dos elementos que compõem o campo metafísico e físico que ordenam as camadas do tempo entre esses dois pontos, Beatriz também se faz presente como mágica transmitindo seu conhecimento e sua experiência. Entendemos, ao evocar os conceitos de Beatriz, que estamos na tentativa de compreender sua constituição e as bases pelas quais foram calcados. Como já salientamos, para esta leitura e identificação de sua obra, usamos como ferramenta metodológica aquilo que Walter Mignolo (2003) apresenta como gnose liminar enquanto conhecimento em uma perspectiva geral subalterna, conhecimento concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno.

⁸ “Rolê e ebó epistemológico. Ebó é um dos mais importantes conceitos assentes no complexo filosófico ioruba. Está implicado a outros, como os de Ori (cabeça espiritual) e o de Ìwàpèlè (bom caráter, caminho da suavidade). Em diálogo ressaltam as potencialidades do ser/saber na cosmogonia iorubana, atravessando as

A chave de leitura pela gnose se faz premente visto que, ao penetrarmos no terreno da cultura afro-brasileira precisamos não só de um aporte epistêmico no sentido que Mudimbe (1998, p.2) coloca (“episteme, entendido, a um tempo, como ciência”), mas também no sentido histórico, sociológico e filosófico artístico, ocidental e moderno. Ao observarmos a cultura diaspórica dos deslocamentos da energia vital do continente africano, temos que dar conta dos rastros/resíduos de uma africanidade e das teorias que dão suporte necessário para compreensão dessa cultura e seus desdobramentos na vida e na experiência da dispersão humana que o continente africano sofreu.

Ao trabalharmos na chave interpretativa da Gnose – ligada a saber e reconhecer – reestabelecemos um contato imediato com racionalidades outras que nunca deixaram de operar, mas que foram subalternizadas juntamente com indivíduos no processo colonial; processo que inferiorizou perante o conhecimento colonizador (tido como universal) todas as formas de se fazer entender o mundo e, assim, entender-se também no mundo.

Dessa maneira, podemos entender o deslocamento dos corpos subalternizados reconhecendo que eles possuem conhecimento e que seus conhecimentos também regem suas ações, sentimentos e ideias nos movimentos de encontro, conflito e desencontros com outros conhecimentos. Utilizar a noção de Gnose como ponto de partida é negar o

problemáticas em torno das existências, das potencialidades e das possibilidades criativas. Todos esses conceitos estão presentes no corpo literário do Ìfa, que, por meio de suas inúmeras narrativas, remonta a dimensão mítica que perspectiva os ritos, as condutas e as formas vividas nos cotidianos.” (RUFINO, 2019, p. 87).

que se coloca como exótico, o que essencializa os corpos. É entender que a experiência individual e coletiva de sujeitos como Beatriz Nascimento possui comportamento historicamente construído e que “chegar devagar”⁹ não é apenas uma expressão popular, mas, sim, uma forma ser e estar no mundo, um ato civilizatório.

Portanto, ao debruçarmo-nos sobre as teorias de Beatriz Nascimento entendemos que ela extrai seus conceitos da experiência diaspórica dos descendentes de africanos, observando no deslocamento desses corpos a própria formação de conhecimento. Assim ela mesmo é, em sua formação de identidade, um corpo em movimento se reconhecendo, se constituindo e produzindo conhecimento no ato do se deslocar

Sonho

[A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha]

*Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher!...
Solitária e sólida
Envolvente e desafiante
Quem te impede de gritar
Do fundo de sua garganta
Único brado que alcança*

⁹ No documentário “Ôri”, Beatriz Nascimento fala dessa forma “chegando devagar”, como um *ethos* dos negros no Brasil, um modo de estar no mundo constituído historicamente que foi um

*Que te delimita
Mulher!
Marca de mito embotável
Mistério que a tudo anuncia
E que se expõe dia-a-dia
Quando deverias estar resguardada
Seu ritus de alegria
Seus véus entrecruzados de
velharias
Da inóspita tradição irradias
Mulher!
Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher. (NASCIMENTO, 2015, p. 32).*

O poema nos oferece a dimensão do desafio que temos ao nos lançarmos sobre os caminhos percorridos por Maria Beatriz Nascimento. Uma personagem diaspórica que tinha ainda em vida capacidade de movimentação entre espaços distintos, o que lhe permitiu se consolidar como pesquisadora, militante e professora, de modo que, em todas essas esferas sociais, as suas experiências e vivências deixaram marcas de sua presença. Tem-se, assim, que sua obra intelectual se objetivou em processos concretos de pesquisa e de desenvolvimento de conhecimento para um aporte teórico-metodológico de nossa sociedade.

Beatriz nos desafia a pensar como acionar uma lembrança dentro de uma memória que não está enraizada em um território. Procurar os caminhos de

modo de vida que sua continuidade produzida na experiência da diáspora uma forma que diz respeito ao seu comportamento, físico, psicológico, diante do real.

chegada e de partida em uma cartografia indecifrável, perder-se no sonho de alguém solitário e, ao mesmo tempo, aceitar o desafio de gritar e ninguém ouvir, se fazer humano quando querem lhe fazer de coisa morta. Quando alguém lhe chama é pelo nome de dor, mas você diz que esse tempo já passou e que agora os rituais de alegria lhe trouxeram a liberdade; primeiro em sua mente, depois no dia a dia e, após, no mundo livre e a voar com seu sexo que se coloca no mundo como mulher e nos convida dizendo: “eu estou viva entre vocês”.

A resposta pode se encontrar em como entendemos e compartilhamos o acúmulo da memória de Beatriz Nascimento que chega até nós hoje se mostra na passagem do tempo, uma força com poder de cinesia, marcada pela subjetividade de uma mulher negra que se questionava tal como a prece de Fanon¹⁰ “Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”. Tal sorte de proposição de si como sujeito questionador se materializou em ideias e em ações concretas e, ademais, tornou seu corpo em um conceito.

A noção aparentemente paradoxal de “corpo conceitual” diz respeito às referências teóricas que temos a partir de Beatriz Nascimento no presente do presente (RICOEUR, 1994) e que advêm de sua atuação dada no presente do passado (RICOEUR, 1994) na academia e também em sua militância nos movimentos sociais, no íntimo familiar, nas relações artísticas e educacionais – todos os âmbitos que viabilizaram substanciais materiais intelectuais. Desse modo, o que temos hoje de registro de seu pensamento nos permite afirmar que o potencial de suas narrativas e suas experiências como

subjetividade se capilarizaram em diferentes suportes teórico-metodológicos utilizados por uma gama de acadêmicos, agentes de movimentos sociais e que ainda tomaram a forma de linguagem poética, que nos afeta de maneira sensível. Ambas as esferas de produção de Beatriz Nascimento nos possibilitam reflexões sobre a ideia de emancipação humana.

Beatriz, em certa medida, ultrapassa a ideia da prece como uma forma de lamento, uma súplica, e nos oferece uma outra imagem que se aproxima mais do encantamento de uma evocação, um encontro com a ancestralidade através do rito de memória que faz a autora se transformar em entidade teórica que está na academia, mas que transcende os cânones, os regimes de saberes monológicos/monorracionalistas: seu rito é a liturgia da escola de samba, dos terreiros de candomblé, dos bailes *blacks* dos quilombos. Beatriz aparece em festejo do cotidiano e constitui em uma linguagem que nos permite alçar outros horizontes como explica Luiz Rufino:

Chamo de praticar a *dobra na linguagem* a capacidade de ser leitor e escritor em múltiplas textualidades. Dobrar a linguagem é a capacidade de, em meio aos regimes monológicos/monorracionalistas, explorar as possibilidades de se inventar polilinguista/polirracionalmente. A dobra é a astúcia daquele que enuncia para não ser totalmente compreendido, não pela falta de sentido, pela capacidade de produzir outros que transgridam as regras de um modo normativo. A linguagem é um campo que revela múltiplas possibilidades, assim como

¹⁰ Nesse trecho, faço referência ao artigo de Joaze Bernardino-Costa intitulado “A prece de Frantz Fanon”: “Oh, meu corpo, faça sempre de mim

um homem que questiona!”, publicado em 2016 na Revista Civitas.

enigmatiza muitas outras. É terreno onde os jogos se estabelecem, e seus movimentos podem ganhar outros rumos podem ser transgredidos a outros horizontes. (RUFINO, 2019, p. 117).

Neste sentido, nossa proposta é de refletir sobre o desenvolvimento de uma ideia que permita constituir “outro tempo da escrita”¹¹ (BHABHA, 2007), um conceito que trabalhe a memória como “metáfora viva” que dê uma nova pertinência semântica (RICOEUR, 1994, p. 9) onde a personagem é agente, mas também padece como vítima. Um paradoxo, não no sentido de negar, mas na possibilidade de configurar e reconfigurar sua identidade na passagem do tempo.

Assim, as chaves conceituais de que utilizamos para nos referirmos à Beatriz Nascimento não anulam as outras categorias, conceitos, signos e símbolos interpretativos até hoje já versaram sobre ela, pelo contrário, ele (o conceito) dialoga permanentemente com as representações históricas, operando em uma chave polissêmica que remete à ideia de um lugar produtor e transmissor de conhecimento proveniente da experiência e vivência humana que possui forte ligação com o referencial produzido dentro da tradição de matriz africana e, ao mesmo tempo, se relacionando com a ideia das instituições burocráticas, políticas, acadêmicas e movimentos sociais. Portanto, o conceito proposto aqui é de entender Maria Beatriz Nascimento como uma “Entidade Teórica”.

¹¹ “A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à ‘energia não seqüencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade’. Precisamos de um outro tempo da escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de

Essa dobra na linguagem (RUFINO, 2019) permite-nos imprimir uma nova narrativa ao sujeito do saber¹² ao observarmos os movimentos de Beatriz Nascimento no tempo e no espaço, oferecendo às ideias de Quilombo e Ôrí uma nova perspectiva que permite dizer que a autora se encontrava em um lugar singular ao defender uma racionalidade outra para explicar as relações dadas na sociedade brasileira. Partido do documentário “Ôrí” observa-se que Beatriz utiliza uma linguagem vinculada à filosofia yourubana, constituindo uma narrativa que procura entender as continuidades da história para além das conformidades acadêmicas e entendendo que as religiões de matriz africanas traziam consigo saberes e conhecimentos que explicavam a realidade social tanto quanto categorias surgidas no mundo de um sujeito cartesiano.

Dessa forma, podemos ter dois vetores de entendimento, o primeiro é que ao utilizar a ideia de intelectual para representar a narrativa de Beatriz, aproximando-a de categorias imputadas ao sujeito da modernidade universal¹³, é restringido um melhor entendimento das concepções praticadas no pensamento de Beatriz Nascimento, ligando-a a uma categoria específica e circunscrevendo sua agência em uma narrativa única.

A segunda vertente está ligada ao entendimento, ora proposto, de Beatriz Nascimento como “Entidade Teórica”, o que não exclui o primeiro vetor, mas entende que o pensamento de Beatriz Nascimento representa a imagem de

tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental.” (BHABHA, 2007, p. 201).

¹²Ler Michel de Certeau, “História e psicanálise: entre a ciência e ficção” (2016).

¹³Ler Fayga Rocha Moreira, “Pensar os intelectuais: desde a pós-colonialidade e a partir das políticas culturais contemporâneas” (2011).

experiências de vida que operavam como o conceito de intelectual, mas que partiam de um local que está para além dos cânones acadêmicos¹⁴, se aproximando da atual proposta de uma Pedagogia das Encruzilhadas¹⁵. A partir do entrecruzamento dos dois vetores, identificamos que Beatriz Nascimento está nesse lugar de fronteira, como aponta Walter Mignolo:

O Pensamento Fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2003, p. 52. *Grifos do autor*).

Assim, Beatriz se reafirma como a entidade que rege nossas cabeças, nosso intelecto, e nos liga ao território da vida e aos territórios das possibilidades ao criar imagens reais e imaginárias em campos acadêmicos e em campos para além da vida acadêmica. Se transforma, portanto, em uma decodificadora de

códigos, introduzindo os conhecimentos gerados por Ôrí.

Na produção dessa articulação desde o “tempo do mundo à experiência humana e à linguagem” (RICOUER apud SODRÉ, 2012, p. 205), Beatriz, os pesquisadores e as pesquisadoras da historiadora e eu permitimos “que o leitor ou ouvintes vivenciem imaginariamente os acontecimentos relatados” (SODRÉ, 2012, p. 205). Tal experiência temporal está se constituindo no instante da leitura ou da escuta e, no caso presente, esta narrativa inédita dimensiona na objetividade da linguagem um novo significado temporal da identidade narrativa sobre Beatriz.

Essa nova vivência na passagem do tempo, contudo, não significa a produção de uma conformidade à medida do tempo, pelo contrário, é a incapacidade de resolução das medidas e da passagem do tempo que instaura as questões que prenunciam as distinções do tempo: “Se, com efeito, as coisas futuras e as coisas passadas são, quero saber onde são” (RICOER, 2007, p. 26). Desse modo, atuamos como profetas de um presente sem medida – nem curto, muito menos longo, apenas presente que enuncia

¹⁴ “Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ele emerge em formas culturais não – canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d’art* ou para além da canonização da ‘ideia’ de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social” (BHABHA, 2007, p. 240).

¹⁵ “A pedagogia riscada nas potências de Exu é verso encarnado, o mesmo corpo que a pratica a esquiva é também o corpo que desfere golpes, a mesma boca que cospe a palavra que bendiz é também a que amaldiçoa, amarra e detesta, encanta e desconjura. Contudo, ainda que a

dinâmica seja ambivalente, tanto a esquiva quanto o golpe, a defesa ou ataque, na lógica das encruzilhadas, só é possível na ginga. Os saberes em encruzilhada são saberes de ginga, de fresta, de síncope, são mandingas baixadas e imantadas no corpo, manifestações do ser/ saber inapreensíveis pela lógica da totalidade. O corpo, a dimensão primeira do ser no mundo, a esfera da Bara e Elegbara, é a instância radical dos seres, ou seja, a inscrição do saber e da presença em transe nos cursos do Novo Mundo. A pedagogia das encruzadas é parida no entre e se encanta no fundamento da casca de lima, é um de cruzo que provoca deslocamento e possibilidades, respondendo eticamente àquelas que historicamente ocupam as margens e arrebatando aqueles que insistem em sentir o mundo por um único tom”. (RUFINO, 2019, p.73).

profecias que ocorreram no passado. Somos adivinhos daquilo que já se sucedeu.

Como estamos no presente e dele somos reféns dimensionais, questionamos o próprio presente – bem como o passado e o futuro – desta grade cercada de barras culturais. Para podermos nos libertar desta dimensão, fazemos de nossa experiência e vivência narrativas projetadas para o futuro, usando como substâncias a expectativa e a espera. Na outra ponta dimensional operacional, que chamamos de passado, fazemos a ligação através das lembranças e essa dinâmica de tempos está alojada nas memórias dos sujeitos e sujeitas da história. Assim, entre a espera ou expectativa e a lembrança e a memória, evocamos imagens que preenchem a teoria que é ausente, obscura e propícia¹⁶ (GLISSANT, 2011, p. 140).

O questionamento sobre a medida do tempo não recai diretamente sobre o tempo em si, mas sobre o sujeito ou sujeita da pesquisa. As suas narrativas, testemunhos, depoimentos, relatos e os seus trabalhos, escritos ou orais, possibilitam a observação da constituição do personagem da História e, assim, questioná-lo: “quem é você?” e “quem são eles, pessoas constituídas pela narrativa da História?”.

O estudo feito neste artigo diz sobre a explicação e a interpretação dos sentidos que a historiografia produziu e produz sobre Beatriz Nascimento. Assim, estamos à procura das imagens que expliquem a representação da operação historiográfica, ou seja, a capacidade do discurso historiográfico de representar o passado (RICOUER, 2007). Logo, o que

foi observado neste artigo foram as possibilidades de narrativas que preencheram as lacunas de uma memória atrelada ao passado, entendendo como essa memória pode se instalar em uma narrativa e ser reproduzida através de um encantamento torpe e, sobretudo, auto referencial da memória.

Referências

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Fundo Maria Beatriz Nascimento – (2D)**: Instrumento Provisório dos Documentos Textuais. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2013.

BATISTA, Wagner Vinhas. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica**: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. 2016. 279 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! **Civitas**: Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul./set. 2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Trad. de Guilherme J. de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 256 p.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

de força por vezes se deixam adivinhar, para logo se furtarem. Deixando-nos imaginar o seu jogo, que simultaneamente desenhamos - para sonhar ou agir”. (GLISSANT, 2011, p. 141).

¹⁶“As ressonâncias das culturas, em simbiose ou em conflito – poder-se-ia dizer: em *polka* ou em *laghia*–, na dominação ou na libertação, que abrem à nossa frente um desconhecido incessantemente próximo e diferido, cujas linhas

HAMPATÊ BÂ. A tradição viva. In: KIZERBO, Joseph (Coord.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**, I. São Paulo: Ática, 1982.

MIGNOLO, Walter. **Historias locais/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 287-324, 2008.

MOREIRA, Fayga Rocha. Pensar os intelectuais: desde a pós-colonialidade e a partir das políticas culturais contemporâneas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICA CULTURAIS, 2., 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2011.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Florianópolis: UFSC, 1998.

NASCIMENTO, Beatriz. Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. In: RATTTS, Alex; GOMES, Bethânia. (Orgs.). **Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda,

1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, ano 17, n. 37, p. 1-25, 2002.

RATTTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo1). Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. A representação historiadora. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Unicamp, 2007.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ano XIII, n. 23, p. 9-24, abr. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A Narrativa do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Recebido em 2020-05-31
Publicado em 2021-03-06